

Antonio de Ruggiero (Org.)

A voz do Imigrante

Memória e oralidade nos
estudos históricos das migrações



Preciso ver muitos rostos e ouvir muitas vozes, quando estudo imigração. Muitos rostos além daqueles que deram certo e cujos retratos estão emoldurados nas fábricas, nos bancos, nas grandes casas comerciais. Também preciso olhar para além dos rostos daqueles infelizes que não deram certo e cujas fotografias estão estampadas nas páginas policiais. Opressores e oprimidos não esgotam o assunto. Preciso ver e ouvir muito para reconstruir, com todas as deficiências que uma reconstrução supõe, o complexo e multifacetado fenômeno da imigração. São as vozes que me devolvem os rostos de pessoas comuns.

Núncia Santoro de Constantino



editora fi
www.editorafi.org

A voz do imigrante



Comitê Editorial

CAROLINE TECCHIO

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DANIELE BROCARDI

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DOUGLAS SOUZA ANGELI

Doutorando em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

EVERTON FERNANDO PIMENTA

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

GUILHERME FRANCO DE ANDRADE

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LEANDRO DE ARAÚJO CRESTANI

Doutorando em História, Universidade de Évora, Évora (Portugal)

LUIS CARLOS DOS PASSOS MARTINS

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LUIZ ALBERTO GRUJÓ

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL GANSTER

Mestre em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL HANSEN QUINSANI

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL SARAIVA LAPUENTE

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

TIAGO ARCANJO ORBEN

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

VINÍCIUS AURÉLIO LIEBEL

Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ

Comitê Científico

ANTONIO DE RUGGIERO

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

CLAUDIA MUSA FAY

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

ALBERTO BARAUSSE

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

MÁIRA INES VENDRAME

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Antonio de Ruggiero
(Org.)

A voz do imigrante

Memória e oralidade nos
estudos históricos das migrações

Autores:

Antonio de Ruggiero
Ana María Sosa González
Maíra Ines Vendrame
Méri Frotscher
Leonardo de Oliveira Conedera
Egiselda Brum Charão
Vicente Dalla Chiesa
Biane Peverada Jaques
Martha Lemieszek
Ana Maria Greff Buae
Júlio C. Bittencourt Francisco

φ editora fi

Direção editorial: Rafael Saraiva Lapuente; Tiago Arcanjo Orben; Rafael Ganster

Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Fontella Margoni

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Historicus - 4

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

DE RUGGIERO, Antonio (Org.)

A voz do imigrante: memória e oralidade nos estudos históricos das migrações [recurso eletrônico] / Antonio de Ruggiero (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

261 p.

ISBN - 978-85-5696-298-0

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. História, 2. Historiografia, 3. História cultural, 4. Pesquisa. I. Título. II. Série

CDD-900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

O Laboratório de Pesquisa em História Oral da PUCRS e a oralidade como perspectiva nos estudos imigratórios¹

*Antonio de Ruggiero*²

Através deste breve capítulo pretendo apresentar a atividade desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa em História Oral do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que desde a sua criação vinte anos atrás, representa uma referência e um apoio ao trabalho de pesquisadores de toda a universidade. Será enfatizada a importância de alguns projetos e de algumas pesquisas realizados a partir da metodologia da história oral e relacionados à atividade plurianual do laboratório. Em particular, serão enfatizadas questões relativas à utilização da oralidade para os estudos da imigração na América Latina, e os resultados que tal espaço propiciou neste sentido.

Tanto a criação em 1997, como os eventos sucessivos relativos ao Laboratório de Pesquisa em História Oral (LAPHO) da Pontifícia

¹ Este capítulo, ampliado e atualizado em algumas das suas partes, recupera substancialmente o texto de um artigo já publicado pelo autor: DE RUGGIERO, Antonio. O Laboratório de História Oral da PUCRS e algumas reflexões sobre a utilização da oralidade para estudos migratórios. "Revista Confluências Culturais", v. 4, n.2, p. 114-122, 2015.

² Professor Doutor, do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) ligam-se diretamente ao nome de Núncia Santoro de Constantino, importante historiadora dos processos migratórios italianos no Brasil e defensora da utilidade da metodologia da história oral no seu campo de estudo. Falecida inesperadamente em 2014, Núncia foi a grande animadora e fomentadora da necessidade de criar um espaço apropriado que pudesse permitir a preservação e também a visibilidade de tantas memórias históricas, úteis a enriquecer e estimular as possibilidades de pesquisas entre os estudiosos. O objetivo principal do Laboratório, localizado fisicamente no departamento do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, foi desde o início o de representar um apoio útil para o trabalho de alunos de toda a universidade e não somente da história. Por muitos anos o nome de Núncia Constantino foi associado à metodologia da história oral, pois ela se tornou a professora de referência tanto no curso de Pós-Graduação com uma disciplina/seminário específico de 60 horas (desde então oferecido uma vez por ano), que estimulou a discussão em torno da dimensão teórico-metodológica, quanto na Graduação onde ainda existe uma disciplina de “Estágio de Pesquisa em Fontes Orais”, cujo conteúdo refere-se fundamentalmente à História Oral. Assim, com o apoio institucional da universidade foi possível estabelecer metas precisas, elaborar novos projetos e organizar procedimentos de trabalho. Na disciplina da graduação os alunos se capacitam para o uso da metodologia inclusive sob o ponto de vista técnico; produzem documentos a partir da oralidade; empregam análises qualitativas nos textos orais; empregam formas de inserção da oralidade no metatexto. Através do laboratório, colocou-se cada vez mais à disposição de pesquisadores, pessoal e equipamentos para a obtenção e o registro de fontes documentais, análise das mesmas, e difusão dos resultados de pesquisa. Desta forma foi possível criar um acervo que se amplia ano a ano, com a contribuição de alunos dos diferentes níveis acadêmicos e em perspectiva interdisciplinar. Até hoje chegamos a mais de 500 entrevistas. Este espaço

institucional promoveu, processou e organizou documentação e aspectos da memória histórica brasileira e ibero-americana, segundo linhas de pesquisa do programa de pós-graduação. Os assuntos tratados são vários e interdisciplinares, com a promoção de atividades em conjunto com professores e alunos das faculdades de Psicologia, Economia, Educação, Serviço Social, Comunicação, Ciências Aeronáuticas, Arquitetura, Filosofia assim como da Sociologia. O trabalho desenvolvido em 20 anos em muito ampliou o acervo, organizando-se arquivos de áudio com depoimentos e arquivos com transcrições destes depoimentos em papel e cd, com vista à preservação por longo tempo. Como atividades do Laboratório são promovidas palestras, grupo de estudos e oficinas metodológicas; artigos têm sido publicados em revistas especializadas; incentiva-se a participação de alunos e professores em congressos, simpósios etc. Para o futuro, espera-se disponibilizar um catálogo online do acervo e começar também um processo de digitalização que possa facilitar e ampliar o acesso a tal documentação. Desde os primeiros anos de atividade, a coordenação se esforçou para internacionalizar o trabalho dos pesquisadores envolvidos, estabelecendo intercâmbios com várias instituições brasileiras e estrangeiras, como é o caso da Universidade de Mar Del Plata; Universidade da Califórnia – History Center em Long Beach; o Immigration Research Center, da Universidade de Minnesota. Foram promovidas atividades conjuntas com várias outras universidades, especialmente italianas, como a Universidade da Calábria e a de Urbino. Nos últimos anos a rede se ampliou com as Universidade de Groeningen, na Holanda, e com a de Nantes, na França, onde existem núcleos de pesquisas sobre o transnacionalismo e as relações entre Europa e América Latina, que valorizam também a metodologia da história oral para produzir conhecimento. Mas, especialmente, reforçaram-se as ligações com a Università di Genova (Itália), cuja parceria revela-se inestimável através da professora Chiara Vangelista e o seu grupo de pesquisadores, reunido na Associação Internacional AREIA, cuja

parceria com o nosso Laboratório foi sempre confirmada. Fundada em 2007, e considerada hoje uma das principais entidades acadêmicas italianas para a conservação de depoimentos específicos sobre migrações entre Europa e América Latina, AREIA possui um Arquivo específico (Audio-archivio delle migrazioni tra Europa e America Latina) que se configura como um lugar de pesquisa e de discussão sobre a metodologia da história oral aplicada ao tema das mobilidades humanas. Promove relações com instituições nacionais e internacionais e com arquivos semelhantes; a cada três anos organiza um Congresso Internacional e mantém um Laboratório específico para reunir pesquisadores e estudiosos de diferentes disciplinas para discutir temas e questões metodológicas. Tanto o Arquivo AREIA, quanto o de Porto Alegre (LAPHO) foram idealizados como instrumentos para institucionalizar as fontes orais, oferecendo a garantia de uma correta conservação e difusão das entrevistas, e fornecendo os critérios científicos necessários à formação e à conservação de um corpus documental que se alimenta, em ambos os casos, através de trocas e doações de materiais de um lado a outro do Oceano (VANGELISTA, 2011, p. 116). Dentre os vários projetos desenvolvidos, aquele de maior alcance e visibilidade foi justamente um em parceria com a Universidade de Gênova com título: *Mulheres imigrantes nas cidades do MERCOSUL, dentro do mais amplo projeto “America Latina-Europa: mujeres, derechos, trabajo y ciudad”*. Graças a estes estudos, a narrativa da cidade pode ser melhor compreendida através do olhar feminino, que pouco se expressa na palavra escrita, mas que é capaz de usar com muito proveito a oralidade. Nessa perspectiva insere-se uma dissertação recente, que se beneficiou de inúmeros depoimentos -hoje depositados no Laboratório-, de mulheres italianas imigrantes em Porto Alegre depois da Segunda Guerra, para traçar uma panorâmica inédita sobre a desconhecida e até mesmo desconsiderada, inserção feminina no mundo do trabalho da capital gaúcha (CHARÃO, 2015). Considerando as novas estruturas sociais que surgiam nas cidades sul-americanas depois da

Segunda Guerra, incluiu-se no âmbito da narrativa das cidades, portanto, a voz de mulheres imigrantes, muitas vezes elas próprias inconscientes do valor do papel que desempenharam, pois processos de imigração sempre foram e ainda são entendidos prioritariamente como assunto de homens. Os depoimentos desse já pequeno número de sobreviventes passaram a ser produzidos no Laboratório, além de preservados neste e no do AREIA. Outro projeto interessante que se desenvolveu a partir de 2007, ano do bicentenário do nascimento de Garibaldi, produziu depoimentos de imigrantes italianos, tendo como foco o imaginário e as representações do General. Hoje em dia temos projetos promissores sobre o desenvolvimento de atividades empresariais no Rio Grande do Sul durante o século XX; sobre análise das mudanças urbanas produzidas pela industrialização e imigração; e sobre a caracterização identitária dos bairros urbanos principalmente de Porto Alegre. Vários outros projetos foram e são implementados através do Laboratório, sob a responsabilidade de graduandos, mestrandos, doutorandos e docentes da Universidade e de outras universidades do Estado. Desde 1997, se completaram cerca de 60 orientações de mestrado e 40 de doutorado estritamente vinculadas ao laboratório. As pesquisas realizadas já deram origem a diversos livros, entre eles muitos têm ligações com os temas principais da Urbanização, Imigração e História de empresas. Dentro deste contexto, inúmeros trabalhos acadêmicos nos últimos anos se beneficiaram do conceito de memória, relacionado com a metodologia da História Oral, para acompanhar pesquisas inseridas no movimento historiográfico relativamente recente, conhecido como “Nova História”, que prevê a utilização de novas abordagens e análises qualitativas em perspectiva interdisciplinar.

Uma atenção particular, porém, foi dedicada aos estudos da mobilidade humana, considerando a importância da imigração nos estados da América Latina, mas também lembrando a coordenação por vários anos da professora Constantino, que foi sem dúvida a maior intérprete de uma revitalização das investigações sobre a imigração nas cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil todo. Ela

sempre insistia sobre a necessidade de preencher algumas lacunas nesse sentido, pois a maioria dos pesquisadores da imigração italiana no Rio Grande do Sul foi sempre atraída pela experiência da antiga colonização, quantitativamente superior e sobretudo exitosa, diante dos propósitos governamentais que nortearam seu estabelecimento. A ela se deu o grande mérito de analisar através da sua tese de doutorado que se tornou um livro em 1991, a formação, a organização e a construção de uma identidade dentro da coletividade italiana em Porto Alegre, utilizando proficuamente como metodologia de pesquisa, ainda que não de forma exclusiva, a história oral. (CONSTANTINO, 1991). Dentro dos numerosos trabalhos que se ligam ao Laboratório quero apenas lembrar algumas pesquisas mais recentes que se relacionam ao nosso campo de estudo, isto é, a imigração italiana no Brasil, muitos dos quais foram orientados pela prof.a Núncia Constantino, alguns pela prof.a Claudia Musa Fay e outros por mim. Os poucos títulos que seguem, já são suficientes para entender o tipo de pesquisas e a amplitude de possibilidades e propostas que a oralidade pode propiciar dentro este tema. A imigração, de fato, é um fenômeno social completo e os deslocamentos dos emigrantes no tempo e nos espaços podem representar um ponto de encontro “entre a história, a demografia, a econômica, a linguística, o direito, a psicologia e a antropologia” (SAYAD, apud CONSTANTINO, 2010, p. 258). Leonardo Conedera (2015): *Músicos italianos em Porto Alegre: a presença italiana na banda municipal de Porto Alegre (1925-1950)*; Egiselda Brum Charão (2015): *Mulheres e trabalho em Porto Alegre (1945-1965)*. *História de uma imigração esquecida*; Silvana Rossetti Faleiro (2015): *Enlaçando tempos e espaços: os medos entre descendentes de italianos no RS*; Leonardo Conedera (2012): *A imigração italiana no Pós Guerra em Porto Alegre: memórias, narrativas, identidades de sicilianos (1946-1976)*; Angela Pomatti (2011): *Italianos na cidade de Pelotas: doenças e práticas de cura (1890-1930)*; Aline Karen Matté, 2008: *Prazeres velados e silêncios suspirados. Sexualidade e contravenções na região colonial italiana (1920-1950)*; Ismael

Antonio Vannini, 2008: História, sexualidade e crime: imigrantes e descendentes na região colonial italiana do RS (1938-1958); Leonor Carolina Baptista Schwartzmann, 2007: Olhares do médico viajante italiano Giovanni Palombini no Rio Grande do Sul (1901-1914); Gilnei Ricardo Casagrande, 2006: Um cheiro de vinho: presença italiana em Gramado; Aline Karen Matté (2006): A moral sexual e a prostituição na Região Colonial Italiana (1920-1945); Bernardete Schiavo Caprara (2003): Ensinar em português nas escolas de italianos: o processo de nacionalização de ensino em Bento Gonçalves; Rosemary Fritsch Brum (2003) Uma cidade que se conta: Imigrantes italianos e narrativas do espaço social da cidade de Porto Alegre (1920-1937).

Relativamente à minha experiência pessoal com a história oral aplicada ao estudo da imigração italiana, quando comecei as pesquisas de doutorado alguns anos atrás, escolhi um campo ainda bastante inexplorado e, a saber, a emigração da região da Toscana, na Itália, para o Brasil. Optei como referência temporal os anos relativos à “grande emigração”, pois foi justamente naquele período que este grupo regional de imigrantes chegaram em grande número deixando também muitos testemunhos, que podiam ser rastreados com maior facilidade através das fontes “oficiais” clássicas e também nos jornais da época -tanto na Itália como no Brasil-, assim como nos arquivos que conservam cartas interessantíssimas sobre o tema (DE RUGGIERO, 2011). Mesmo nos estudos sucessivos me detive quase sempre no período anterior a segunda guerra mundial. Tal escolha temporal, porém, não me impediu de utilizar fontes orais e memórias biográficas escritas por alguns protagonistas do fenômeno migratório. O que podia ajudar no desenvolvimento das pesquisas, não era tanto a experiência direta de quem se narrava, inevitavelmente com frequência nascido já em anos sucessivos ao meu campo temporal de análise, mas muitas vezes o percurso no passado que o entrevistado efetuava para traçar as origens da

própria experiência migratória familiar³. Certas memórias, de fato, apesar de recentes como, por exemplo, aquelas gravadas no começo de 2000 no arquivo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo⁴, onde procurei vários depoimentos, podiam de várias formas fornecer, alguns dados e indícios interessantes sobre as experiências dos antepassados. Isso, porque a memória é a base da construção da autoimagem, isto é, de uma identidade, e por isso memória e identidade são inseparáveis. Agora, a identidade de cada indivíduo se forma através de um processo de relacionamento com o passado, com os antecessores e, sobretudo, no caso da imigração, com a experiência familiar dos pioneiros que chegaram. Por isso, em muitos depoimentos de ítalo-brasileiros de segunda ou terceira geração, os protagonistas não perdiam a ocasião de falar sobre a experiência dos avós e dos bisavôs que chegaram para “fazer a América”. Existe muito a ser relatado sobre a fase pioneira, pois a imigração representa um trauma, um momento de ruptura fortíssimo dentro da identidade familiar. É como se a partir de uma nova vida em um país estrangeiro, se rompessem em parte os laços com o passado e se formassem novas raízes familiares, que também os sucessores portam parcialmente consigo. Então não é somente a história do tempo presente que surge dos depoimentos mais recentes, e um historiador sagaz será capaz de captar as tradições, os mitos, (de fato não muito antigos) que continuam marcando a identidade dos narradores. E quando não será possível esclarecer todas as nossas curiosidades, com certeza irão aparecer alguns indícios, que como aponta Ginzburg, poderão ser úteis a nos direcionar sobre um caminho de investigação. Apesar de todas estas considerações e do reconhecimento “oficial” que a história oral recebeu nos últimos anos, ainda se verificam resistências focadas na

³ Nesse sentido quero sinalizar o livro organizado alguns anos atrás por Ângela de Castro Gomes, onde se recolheram depoimentos de imigrantes italianos no Rio de Janeiro, interessantes para reconstruir as experiências migratórias dos antepassados: GOMES, 1999.

⁴ O Museu da Imigração do Estado de São Paulo possui um rico acervo de depoimentos orais transcritos.

escassa confiabilidade da palavra e da memória. Na Itália, por exemplo, isto resultou evidente em muitos contextos acadêmicos, onde os condicionamentos dos métodos mais tradicionais da historiografia clássica geraram frequentemente reticências na possibilidade de aproveitar as narrativas orais, até quando utilizadas para complementar a grande quantidade de documentos escritos. Outra coisa importante a ser lembrada: a Itália é um país estranho e muitas vezes contraditório, caracterizado frequentemente por contraposições polarizadas quase ideológicas também em âmbito metodológico-historiográfico. Digo isto porque todos nós conhecemos a importância de historiadores italianos no campo da história oral (mas também em outras áreas da “Nova História” como a micro-história relacionada ao paradigma do método indiciário⁵ que tiveram que lutar muito para enfrentar a desconfiança dos mais tradicionalistas. Também os americanos que foram sem dúvida os pioneiros na prática da história oral tiveram que admitir a importância de estudiosos italianos que permitiram um salto de qualidade nesse campo. Lembramos o primeiro Oral History Office na Columbia University em 1948 e sucessivamente a grande quantidade de estudos que nos Estados Unidos, utilizavam a oralidade como meio para dar voz aos negros, às mulheres, aos nativos americanos, aos imigrantes e a outros grupos frequentemente colocados às margens da sociedade. Mas até os anos 70, a história oral americana se baseava sobre métodos tradicionais e a veracidade de um documento dependia da maior ou menor sinceridade do narrador, da sua boa memória e da sua boa-fé. Por isto muitos historiadores acadêmicos acolheram esta metodologia com desconfiança, enfatizando os riscos da manipulação dos depoimentos. Nesse momento a Itália se destacou especialmente graças aos trabalhos de Alessandro Portelli que, como escreveu um jornalista ítalo-americano, Alexander Stille, no *The New York*

⁵ Lembro, sobre este tema, os numerosos estudos traduzidos também no Brasil de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi.

Times, “transformou a história oral de filha indesejada da História a um gênero literário e histórico aceito e com credibilidade” (STILLE, 2001, p. 177). Portelli era grande amigo da Núncia e do nosso Laboratório (e de outros no Brasil inteiro), onde já foi convidado para ministrar cursos e oficinas sobre a metodologia da história oral. Para nós foi um momento significativo, pois ele se tornou uma peça chave na discussão sobre a aceitação da natureza subjetiva da memória histórica, que não significa o abandono de uma realidade objetiva dos fatos, mas que implica outros deveres do historiador. Portelli disse que o historiador que se confronta com a oralidade tem três deveres ao mesmo tempo: “tem que fazer o trabalho dos historiadores, tentando entender os fatos; o trabalho dos antropólogos tentando de compreender como as pessoas contam as suas histórias; enfim, tem que ter a habilidade de se orientar nestes dois níveis” (STILLE, p. 179-180). Como Portelli, uma outra historiadora italiana, Luisa Passerini, foi a primeira a examinar em nível científico os silêncios, as contradições, as inconsistências que emergiam nas suas entrevistas, considerando que para compreender tudo isto, não podemos considerar as fontes orais como simples exposições de fatos, mas como formas de cultura e como testemunhos da mudança que estas formas receberam no tempo (PASSERINI, 1988). Por isso, como se destaca frequentemente em muitas publicações, o historiador que lida com oralidade tem um papel mais difícil: precisa saber “ler os silêncios”, ficar alerta quando encontra falha de memória, supondo que tal lapso pode denunciar um fato cultural importante. Este historiador precisa ser preparado, de forma interdisciplinar (as vezes tem que ser um pouco psicanalista), para analisar os depoimentos com a possibilidade de intervir, reformulando uma pergunta, sugerindo um assunto, insistindo em determinados aspectos. Além disso, para quem, como eu, lida com questões sociais inseridas dentro dos processos migratórios, não poderia descartar a utilização das fontes orais, pois se é verdade que são muito imprecisas para documentar eventos, são com certeza insubstituíveis para a reconstrução do

vivido pelos protagonistas, do cotidiano dos grandes, mas sobretudo dos pequenos atores da história, que merecem ter uma voz que seja escutada. Quando se trabalha com imigrantes, a história oral é determinante para entender o cotidiano, os hábitos, a vida privada, as formas de sociabilidade, o idioma que falavam em casa e muitas outras questões. Gosto muito da perspectiva de um outro teórico italiano, Giovanni Contini, que se preocupa com a relação entre a pequena história individual contada oralmente, e a grande história que aprendemos através dos documentos tradicionais. O historiador tem que ser capaz de relacionar o pequeno ator social com o grande acontecimento histórico. A fonte oral pode ser maximizada se ampliamos o tipo de subjetividade considerando as memórias comuns de um grupo de pessoas e se, ao mesmo tempo, reduzimos o campo a ser esclarecido dentro dos grandes acontecimentos históricos. É um pouco a operação que um dos autores mais citados, quando se lida com essa metodologia, Paul Thompson, aplicou em uma velha pesquisa, que ainda pode ser considerada exemplar, chamada *Living the Fishing*, 1983 (THOMPSON, 2006). Ou seja, podemos criar um espaço social de meio, que se diferencia do micro e também do macro, através da coleta de várias narrações biográficas que além dos aspectos individuais, deixam aparecer uma tipologia de memória que se torna igual ou parecida em diferentes entrevistas. Trata-se de uma espécie de “memória coletiva” não extrema, como a entende Halbwachs, mas uma memória coletiva que se apresenta como lembrança de um passado comum entre uma coletividade que constrói e reconstrói uma própria identidade compartilhada (CONTINI, 2001). E isso funciona perfeitamente com as comunidades mais ou menos numerosas de imigrantes, tanto no espaço urbano como no colonial.

Então, através dessas reflexões espero ter evidenciado a importância da história oral como metodologia que se revela muito útil no meu campo de estudo. Uma metodologia que eu descobri principalmente no Brasil, onde não encontrei as mesmas resistências presentes na Itália durante a minha formação, apesar

de existirem como teóricos de referência muitos italianos que até conheço pessoalmente. No Brasil a História oral começou a se difundir graças ao centro de documentação CPDOC criado em 1975. Em 1994, criou-se também a importante Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que permitiu uma difusão e um aperfeiçoamento crescente. Apesar da grande difusão, ainda persistem as críticas relativas à palavra e as memórias individuais, como se as fontes escritas delas não dependessem. Recordo por isso Ronald Fraser, quando aponta que também as fontes escritas não são a expressão de uma confiabilidade absoluta, que a subjetividade entra em todos os tipos de fontes, pois são produzidas através de uma determinada forma de narração (FRASER, 1993). Além disso, uma grande quantidade de documentação escrita é produzida a partir da oralidade, nos tribunais, nos júris, nos debates parlamentares, nos relatórios policiais e nas cartas que eu tanto utilizo para meus estudos sobre imigração. O mesmo Emilio Franzina, em uma sua obra clássica que utiliza um amplo repertório de correspondências escritas por imigrantes italianos na América Latina, refletia sobre o conceito errado de objetividade científica que confere credibilidade a fontes escritas que são, de fato, transcrições de momentos verbais (FRANZINA, 1994). Enfim, se tantos documentos até hoje foram produzidos graças a fontes orais, porque não continuar beneficiando-se também das facilidades das novas tecnologias que simplificaram o trabalho do pesquisador? E ainda, é dever das instituições responsáveis fornecer os instrumentos para transformar os depoimentos em documentos estabelecendo comunicação da mesma forma com outras áreas do conhecimento como a linguística, a sociologia, a antropologia e a psicologia entre outras. É isso que nós tentamos passar aos nossos alunos: que para interpretar um depoimento precisam conhecer mais do que o significado das palavras, precisam ler nas entrelinhas, nos silêncios e nos esquecimentos voluntários dos depoentes. Para concluir, quero lembrar uma entrevista que eu fiz com a Professora Núncia Santoro de Constantino em 2010 e publicada no site de uma revista

italiana, da qual eu sou editor. Depois de ter conversado sobre vários assuntos relativos à metodologia da história oral; às contribuições que ela pode oferecer no âmbito acadêmico; sobre a questão da relação entre história e memória e os perigos da subjetividade, respondendo a uma pergunta específica sobre as possibilidades que a história oral pode oferecer a quem estuda os processos migratórios no Brasil, a professora evidenciou a extraordinária importância que as entrevistas diretas exercem sobre os estudos das migrações, mais o menos recentes. Isso em decorrência primeiramente de um problema de ordem prática, que é a escassa conservação de fontes nos arquivos brasileiros bem diferentes daqueles europeus mais organizados e completos. Segundo ponto e, acredito o mais importante, é relativo à necessidade que nós historiadores da História Social da imigração temos de compreender melhor o cotidiano, as tradições, os costumes familiares, os comportamentos, as representações e os hábitos mais profundos dos homens e das mulheres protagonistas destas mobilidades. Diante sua resposta decidida sobre o fato que somente a história oral pode oferecer esta perspectiva de indagação mais profunda, me lembrei do ensinamento de um historiador que Núncia utilizava muito: Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos *Annales*. Bloch dizia que o historiador social deve ser como o ogro das fábulas, que procura e percebe de longe o cheiro do ser humano, e acredito que Núncia, através do seu empenho que se concretizou com a realização de um eficiente Laboratório de pesquisa em história oral, sempre seguiu e repassou esta lição.

Insiro na sequência a transcrição (traduzida do italiano para o português) da breve entrevista filmada que a professora Núncia Santoro de Constantino, idealizadora e fundadora do LAPHO-PUCRS, me concedeu em 2010⁶.

⁶ Entrevista filmada em italiano reproduzida em:
<http://www.recensionidistoria.net/deconstantino.html>

AdR: Até poucos anos atrás, a história oral, como metodologia historiográfica era considerada disciplina menor em relação à historiografia clássica. Hoje já é aceita e estudada a nível Internacional no âmbito acadêmico. Quais foram os processos que levaram a esta mudança e qual é a contribuição que a história oral pode oferecer na pesquisa histórica?

NC: Mudou a percepção da história. Se antes se considerava como história a análise exclusiva das classes dirigentes, de reis e rainhas, sabemos que hoje a história é uma outra coisa. As pessoas comuns possuem o direito de ter a própria história. E como fazemos, onde encontramos as fontes? A história oral surge no momento em que se recupera e se acredita na palavra do outro. Não se trata de uma palavra como verdade absoluta, mas é uma palavra que exprime uma verdade. O historiador deve observar bem e exercitar a sua crítica. A história oral é necessária para criar novas fontes que se referem e falam das pessoas comuns. Depois há uma outra questão: se alguém quer mentir, a operação de mentir é mais fácil em uma versão escrita. Quando se escreve há mais tempo para pensar.

AdR: Na relação crucial entre história e memória, um problema evidente pode ser considerado o da confiabilidade da fonte oral. Qual deve ser o papel do historiador diante do perigo da narrativa oral que poder ser viciada pelos filtros da subjetividade e da memória pessoal?

NC: Eu gosto muito de lembrar Ronald Fraser, quando afirma que a subjetividade não é um privilégio de quem fala. A subjetividade é algo que existe para todos. As fontes escritas, consideradas “tradicionais”, muitas vezes são essas mesmas derivadas das narrativas orais. Os atos parlamentares, por exemplo, são fontes verbalizadas. Eu, por exemplo, trabalho muito com processos criminais onde encontro a versão de um testemunho que conta oralmente ao juiz aquilo que aconteceu. Me parece que estas

diferenças não existem mais. E uma outra questão de fundo sobre a qual o historiador deve relacionar-se, é a presumível verdade da narrativa oral. Como historiador, no momento em que avalio duas versões que divergem sobre o mesmo tema, tenho o dever de reportar no meu texto ou meta-texto as duas versões. Não deixo escapar a oportunidade de recuperar alguma coisa deste passado que, de outro modo, seria perdido totalmente. Por exemplo, quando encontro o nome de uma pessoa que me pode interessar, começo a procurar a sua certidão de nascimento, casamento e óbito. Talvez alguém que em vida foi mais afortunado, pode ter deixado também um inventário com algum imóvel registrado. Porém, somente com isto não se consegue reconstruir a trajetória de uma pessoa comum que, a diferença das elites, deixou poucos traços de si neste mundo. Ainda mais em um país como o Brasil, onde existe uma dificuldade objetiva ligada a escassa conservação de fontes documentais, e uma precariedade de muitos arquivos, a história oral se torna um instrumento útil para tratar as questões relativas às pessoas comuns.

AdR: Na sua experiência consolidada de estudiosa da imigração italiana na América Latina, em particular no Brasil, quanto as fontes orais ajudaram e que perspectivas podem ter neste âmbito da pesquisa?

NC: Ajudaram em tudo, porque quando se trabalha com os imigrantes aquilo que encontro na documentação escrita é quase nada. Ou seja, os dados que ficam escritos são muito limitados, relativos a data de chegada, aos principais bens registrados, e pouco mais. Desaparece quase sempre a percepção do cotidiano, dos costumes, da língua, da cultura e das tradições. Durante as minhas pesquisas para a elaboração de um volume sobre os italianos meridionais imigrados em Porto Alegre, entrevistei uma senhora descendente de calabreses residentes em Porto Alegre. Esta senhora, falando comigo, parou por um instante para notar quanto eu me

parecia com a minha avó, também ela imigrante em Porto Alegre. A senhora conheceu a minha avó na sua juventude, quando frequentavam a mesma paróquia da cidade. Eu não conheci minha avó e esta era uma voz que me reportava ao passado e dava vida àquela pessoa que tinha o meu mesmo nome, mas que até então para mim era somente uma fotografia. As entrevistas e a oralidade me ajudam bastante para compreender como viviam, onde viviam, o que comiam etc. O historiador deve aprender a escutar. Quem trabalha com a oralidade deve saber escutar, mais do que perguntar. Se eu penso de conhecer já tudo aquilo que o meu interlocutor tem a me dizer, então não perderei o meu tempo e não deixarei que outros o façam. Com poucas perguntas específicas para fazer, eu aprendi muitíssimo destas vozes que me falavam do passado. Na realidade esta operação não é simples: produzir novos documentos é um trabalho muito mais cansativo que as clássicas investigações sobre as fontes escritas. Para concluir, quero fazer uma referência ao método indiciário teorizado por Carlo Ginzburg. Quem trabalha com história oral sabe bem que por meio das suas entrevistas poderá aproveitar indícios importantes, às vezes fragmentários, já que não existe um discurso pronto. Frequentemente, a pessoa entrevistada me permite ter uma intuição histórica importante.

Referências

- CHARÃO, Egiselda Brum. Mulheres e trabalho em Porto Alegre (1945-1965): história de uma imigração esquecida. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Formas de la narrativa oral y autorepresentación desde el presente: mujeres inmigrantes en el Brasil meridional. In: BRESCIANO, Juan Andrés (Org.). El tiempo presente como campo historiográfico: ensayos teóricos y estudios de casos. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2010. p. 255-264.

_____. Imigração italiana e história: tendências historiográficas no Rio Grande do Sul. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (Orgs.). Imigração e cultura. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 61-71.

_____. O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST, 1991.

_____. Teoria da história e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A aventura (auto)biográfica: fundamentos e metodologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 37-74.

CONTINI, Giovanni. Fonti orali e storia locale: memoria collettiva e storia delle comunità. In: BERMANI, Cesare (Org.). Introduzione alla storia orale: esperienze di ricerche. v. II. Roma: Odradek, 2001. p. 41-60.

DE RUGGIERO, Antonio. Emigranti toscani nel Brasile meridionale (1875-1914). 272 f. Tese (Doutorado de pesquisa em studi storici per l'età moderna e contemporanea) –Università degli Studi di Firenze, Firenze, 2011.

FRANZINA, Emilio. Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina: 1876-1902. Verona: Cierre, 1994.

FRASER, Ronald. Historia oral, historia social. Historia Social, Valencia, n. 17, 1993.

GOMES, Angela de Castro (Org.). Histórias de família: entre a Itália e o Brasil. Depoimentos. Niterói: Muiraquitã, 1999.

MACHADO, Janete. O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza, e os contornos de um tempo passado na zona sul de Porto Alegre (1900-1960). 200 f. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PASSERINI, Luisa. Storia e soggettività: le fonti orali, la memoria. Firenze: La Nuova Italia, 1988.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

STILLE, Alexander. Le deformazioni della storia orale conducono alla verità. In: BERMANI, Cesare (Org.). Introduzione alla storia orale: esperienze di ricerche. v. II. Roma: Odradek, 2001. p. 177-182.

THOMPSON, Paul. História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Orgs.). História falada: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC-SP; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial, 2006. p. 17-43.

VANGELISTA, Chiara. Areia: l'archivio e l'associazione. In: VANGELISTA, Chiara (Org.). Areia: le nuove migrazioni tra America Latina e Europa. Roma: Cisu, 2011. p. 115- 122.